

Agricultura Urbana e Educação Ambiental: práticas do Coletivo Periferia Feminista em Porto Alegre/RS - Brasil

Urban Agriculture and Environmental Education: practices of the Periferia Feminista

Colective in Porto Alegre, RS - Brazil

Agricultura Urbana y Educación Ambiental: prácticas del Colectivo Periferia Feminista en Porto Alegre/RS - Brasil

Jheiny Carolina Amarante de Souza ¹  <https://orcid.org/0000-0001-5174-207X>

Aline de Lima Rodrigues ²  <https://orcid.org/0000-0002-8937-7888>

¹ Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)  - Santa Maria (RS), Brasil

Autor de correspondência: jheiny.amarante@acad.ufsm.br

Recebido: 20 Jan. 2026. Aceito: 12 Mar. 2026

Editores de seção: Flamarion Dutra Alves  <https://orcid.org/0000-0003-0318-7301>

Juan David Delgado Roza  <https://orcid.org/0000-0003-0153-1885>

Resumo

Este artigo apresenta um recorte inicial da pesquisa de mestrado “*Narrativas e o pertencimento: a Educação Ambiental no Coletivo Periferia Feminista, Morro da Cruz, Porto Alegre/RS*”, que investiga as vivências e narrativas de vida das mulheres participantes do Coletivo Periferia Feminista a partir das ações de Educação Ambiental desenvolvidas na Horta Comunitária do Coletivo. A pesquisa compreende que, em áreas urbanas e periféricas marcadas pela exclusão socioambiental, há práticas de Educação Ambiental construídas a partir do território, articulando resistência, cuidado ambiental, produção de alimentos e fortalecimento de mulheres. Fundamenta-se em uma abordagem de pesquisa narrativa e de método (auto)biográfico, reconhecendo as narrativas das mulheres como centrais para compreender as noções de pertencimento e as relações delas com a natureza e o território. Mesmo em fase inicial, os resultados indicam que as práticas desenvolvidas pelo Coletivo promovem a agricultura urbana, soberania alimentar, a produção de alimentos sem veneno e a construção do fortalecimento de mulheres periféricas, evidenciando processos que rompem com perspectivas descontextualizadas da Educação Ambiental. As ações dessas mulheres, revelam a emergência de uma Educação Ambiental Feminista, crítica e emancipadora, que seja comprometida com a transformação social desde os territórios e com a valorização dos saberes das mulheres. Conclui-se que dar visibilidade a essas narrativas contribui para o reconhecimento de práticas potentes de transformação social e para a construção de novos horizontes de justiça socioambiental e o fortalecimento de mulheres.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Narrativas Autobiográficas. Agricultura Urbana. Mulheres. Coletivo Periferia Feminista.

Abstract

This article presents an initial excerpt from the master's research entitled “*Narratives and Belonging: Environmental Education in the Periferia Feminista Collective, Morro da Cruz, Porto Alegre/RS*”, which investigates the lived experiences and life narratives of women participating in the Periferia Feminista Collective, based on Environmental Education actions developed in the Collective's Community Garden. The research understands that, in urban and peripheral areas marked by socio-environmental exclusion, there are Environmental Education practices built from the territory itself, articulating resistance, environmental care, food production, and the strengthening of women. It is grounded in a narrative research approach and in the (auto)biographical method, recognizing women's narratives as central to understanding notions of belonging and their relationships with nature and territory. Even at an early stage, the results indicate that the practices developed by the Collective promote urban agriculture, food sovereignty, the production of pesticide-free food, and the strengthening of peripheral women, highlighting processes that break with decontextualized perspectives of Environmental Education. The actions of these women reveal the emergence of a Feminist, critical, and emancipatory Environmental Education, committed to social transformation from the territories and to the valorization of women's knowledge. It is concluded that giving visibility to these narratives contributes to the recognition of powerful practices of social transformation and to the construction of new horizons of socio-environmental justice and the strengthening of women.

Keywords: Environmental Education. Autobiographical Narratives. Urban Agriculture. Women. Periferia Feminista Collective.

Resumen

Este artículo presenta un recorte inicial de la investigación de maestría titulada “*Narrativas y pertenencia: la Educación Ambiental en el Colectivo Periferia Feminista, Morro da Cruz, Porto Alegre/RS*”, que investiga las vivencias y narrativas de vida de las mujeres participantes del Colectivo Periferia Feminista a partir de las acciones de Educación Ambiental desarrolladas en la Huerta Comunitaria del Colectivo. La investigación comprende que, en áreas urbanas y periféricas marcadas por la exclusión socioambiental, existen prácticas de Educación Ambiental construidas desde el territorio, articulando resistencia, cuidado ambiental, producción de alimentos y fortalecimiento de las mujeres. Se fundamenta en un enfoque de investigación narrativa y en el método (auto)biográfico, reconociendo las narrativas de las mujeres como centrales para comprender las nociones de pertenencia y sus relaciones con la naturaleza y el territorio. Aun en una fase inicial, los resultados indican que las prácticas desarrolladas por el Colectivo promueven la agricultura urbana, la soberanía alimentaria, la producción de alimentos sin veneno y el fortalecimiento de mujeres periféricas, evidenciando procesos que rompen con perspectivas descontextualizadas de la Educación Ambiental. Las acciones de estas mujeres revelan la emergencia de una Educación Ambiental Feminista, crítica y emancipadora, comprometida con la transformación social desde los territorios y con la valorización de los saberes de las

mujeres. Se concluye que dar visibilidad a estas narrativas contribuye al reconocimiento de prácticas potentes de transformación social y a la construcción de nuevos horizontes de justicia socioambiental y al fortalecimiento de las mujeres.

Palabras-clave: Educación Ambiental. Narrativas Autobiográficas. Agricultura Urbana. Mujeres. Colectivo Periferia Feminista.

Introdução

Este trabalho apresenta um recorte do momento inicial da pesquisa de mestrado intitulada “Narrativas e o pertencimento: A Educação Ambiental no Coletivo Periferia Feminista, Morro da Cruz, Porto Alegre/RS”¹. O estudo aborda as vivências de mulheres participantes do Coletivo Periferia Feminista (Coletivo) a partir das ações que envolvem todo o território em que o Coletivo é atuante. Há o enfoque para as atividades ligadas à Horta Comunitária (HC), que são coordenadas pelas próprias mulheres, em relação às ações de Educação Ambiental (EA). Considera-se que estas mulheres são personagens fundamentais no processo de criação e permanência deste espaço de resistência, que também contribui para o desenvolvimento e construção de uma agricultura urbana, sustentável e alicerçada em princípios feministas, em uma região periférica do município de Porto Alegre (POA), no Rio Grande do Sul (RS).

Entre as muitas formas de se relacionar com e no Planeta Terra, nós, seres humanos, cometemos o erro de nos desconectarmos da natureza. Somos natureza, fazemos parte dela, interagimos e vivemos suas sutilezas e grandezas. Na modernidade, principalmente com os reflexos das guerras e do supercrescimento de indústrias, perde-se a falta de pertencimento, em que, as pessoas (como humanidade) tendem a não se entenderem como natureza. A partir disso, se constroi um imaginário social, uma visão fragmentada e utilitarista da natureza e tudo o que ela representa; o que justifica as formas como lidamos com os recursos naturais. Fazer o movimento contrário a essas relações danosas que se perpetuam ao longo de gerações é uma alternativa na construção de futuros possíveis, mas que sejam a partir de uma perspectiva ancestral, em diferentes perspectivas.

A realidade socioambiental nas periferias urbanas demonstra a necessidade e urgência de se abordar a EA, entendendo que esta muitas vezes é tratada de forma descontextualizada e distante das realidades sociais. Sendo assim, a pesquisa se justifica pela necessidade de reconhecer e valorizar as práticas de EA e de Agricultura Urbana que ocorrem nos territórios periféricos, construídas a partir do olhar central dos saberes e experiências das mulheres. Dar voz às narrativas das mulheres periféricas é fundamental para compreender outras formas de relação com o ambiente, baseadas na coletividade, na luta por direitos, pela Soberania e Segurança Alimentar (SSA) e na permanência nos territórios. Sendo assim, o percurso metodológico da pesquisa se constrói em uma perspectiva qualitativa documental, utilizando o método de pesquisa autobiográfico e a metodologia de narrativas.

Ainda neste sentido, em contextos de exclusão socioambiental, como é recorrente nos territórios periféricos urbanos, práticas de resistência, cuidado e construção da noção de pertencimento com a natureza são cotidianamente desenvolvidas, mas não são reconhecidas de forma adequada. Neste sentido, tem-se o exemplo do cultivo de alimentos no meio urbano, geralmente por meio das hortas urbanas, que normalmente são comunitárias. Sendo assim, a pesquisa também se justifica pela urgência de compreender e dar visibilidade à essas ações, contribuindo para a construção de uma EA crítica e emancipadora, que coloque as mulheres como protagonistas dos processos cunhados por elas mesmas e pelas demais ações que estão à frente.

Entende-se que as mulheres do Coletivo Periferia Feminista são promotoras de práticas educativas que articulam resistência, pertencimento, produção de alimentos e cuidado ambiental, no meio urbano e periférico. Considerando estas vivências, a pesquisa

¹ Pesquisa de mestrado realizada no PPGGEO/UFSM, com financiamento da CAPES.

mobiliza-se a partir da questão problema: As noções de Educação Ambiental das mulheres do Coletivo Periferia Feminista, Morro da Cruz, Porto Alegre, RS, se constroem a partir das suas vivências, experiências e histórias de vida? A partir da questão problema, apresenta-se como preocupação central compreender as noções de educação ambiental do coletivo Periferia Feminista, Morro da Cruz, Porto Alegre, RS, a partir das narrativas de vida das mulheres, seus pertencimentos e experiências.

Metodologia

O percurso metodológico se constrói a partir de uma perspectiva qualitativa documental (Flick, 2009) e Pesquisa Narrativa, apoiando-se no método (auto)biográfico. Entendendo que utilizar as narrativas autobiográficas nas pesquisas, reconhece e legitima as vivências dos sujeitos, assegurando-os que são capazes de narrar e refletir sobre suas próprias histórias (Passeggi et al., 2016, p.114). As ferramentas de construção de dados se dão por meio de entrevistas-narrativas e a participação ativa em atividades no território em que o Coletivo atua. Entendo que as narrativas não são um resultado de uma narração em que a estrutura é formada por uma ordem “cronológica”, mas a um princípio de sistematização de pensamento e ação humanos (Brandão e Germano, 2009).

As etapas de coleta de dados estão em fase de organização, tanto para a entrevista quanto para as vivências no território. Nestes percursos, entende-se que, de acordo com a Delory-Momberger (2012, p. 524), “o espaço da pesquisa biográfica consistiria então em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência”. Dialogando com a Brandão e Germano (2009), onde afirmam que as narrativas são construções iniciais que precedem a produção de significados, que se constituem como orientadoras de narrativas individuais e coletivas, fornecendo referências simbólicas.

O método e metodologia escolhidos para o estudo, possibilita o entendimento das ações de EA por meio da agricultura urbana e periurbana, desenvolvidas pelo Coletivo, e estas se caracterizam por dar luz à

Como a vida é vivida na interação social, o relato autobiográfico, como qualquer trabalho de memória, é basicamente natural e dialógica. Com efeito, o conceito de memória que subjaz às pesquisas autobiográficas [...] foge das tradicionais metáforas de “arquivo pessoal” [...]. Ao invés de compreender a memória como capacidade individual de guardar informações, ela passa a ser abordada como tessitura semiótica, envolvendo os modos como as pessoas configuram e comunicam suas experiências num contexto sociocultural e histórico (Brandão e Germano, 2009, p. 7).

Sendo assim, o que se intenciona com o percurso metodológico é o entendimento das vivências, trajetórias de vida e pertencimento ao território por meio da HC, que se deu a partir do contexto de Pandemia. Com isso, esta metodologia enriquece o olhar atento às experiências e o impacto da EA nas vidas das mulheres do Coletivo, no seu contexto histórico, territorial e sociocultural. As narrativas autobiográficas se consolidam como uma potente ferramenta de análise temporal e espacial sobre as experiências das mulheres frente às ações do Coletivo, sua relação com a produção de alimentos e demais atividades, pois documentam as vivências, trajetórias e transformações vividas por essas mulheres. A escolha por esta metodologia visa evidenciar a potencialidade da EA e da Agricultura Urbana nos territórios, como também, colocar as mulheres proponentes destas ações, no centro, entendendo que elas são as grandes protagonistas dessa revolução dentro do território em que o Coletivo atua.

A Horta Comunitária e a Soberania e Segurança Alimentar

A Horta Comunitária do Morro da Cruz (HC) está localizada na zona Leste da capital gaúcha (Porto Alegre/RS - Brasil), e é uma iniciativa que começou durante a Pandemia de Covid-19, em 2020. A construção da HC passou por diversos processos de transformação, devido a sua localização - ocupou um espaço no território que é público e estava ocioso. Porém, apenas no mês de junho de 2021 que foi consolidada a ocupação do espaço urbano exclusivamente para a produção de alimentos orgânicos. Entende-se que a agricultura urbana é um conceito contemporâneo, constituído pelos movimentos sociais na tentativa do reconhecimento da importância da produção em hortas urbanas e quintais produtivos, produzindo hortaliças, frutas, ervas medicinais, dentro do que é delimitado como espaço urbano (Gonçalves, 2024) fomentado pelo trabalho do Coletivo.

Figura 1. Entrada da Sede do Coletivo Periferia Feminista.



Fonte: Redes Sociais do Coletivo Periferia Feminista, 2025.

O território é reconhecido pelas ações desenvolvidas, havendo inclusive momentos de valorização e destaque do trabalho desenvolvidas pelo Coletivo, como: as premiações no Periferia Viva e 1º Lugar no Prêmio Agricultura Urbana e Periurbana/MDS². Observa-se que, mesmo em meio a alguns reconhecimentos das atividades desenvolvidas pelo Coletivo, ainda há a necessidade de documentar as narrativas de vida, motivações, empenho, planos e organizações das mulheres participantes. Em que visa-se valorizar suas contribuições e trajetórias que dialogam com a luta pela emancipação das mulheres, defesa dos territórios, noções de pertencimento ambiental, construção permanente de EA e Educação Ambiental Feminista (EAF).

Figura 2. Horta Comunitária do Coletivo Perifeira Feminista.



Fonte: Autora, 2025.

No processo de constituição da HC, destaca-se os seguintes eventos que moldam essencialmente as construções cunhadas pelo Coletivo (Coletivo, 2025): 1) Janeiro/2020: a) Ações de solidariedade - MST/MPA/Feira Agroecológica da Redenção; 2) Junho/2021: a) Ocupação do espaço urbano com a produção de alimentos (HC), b) Conquista de editais, c) Encontros: formações, plantios; 3) Dezembro/2021: a) Oficinas de sal temperado e sabão ecológico, b) Participações: reuniões da comunidade, feiras solidárias; 4) Janeiro/2022: a) Mobilização pelo direito ao acesso à água, b) Consolidação da Periferia Feminista, enquanto Coletivo; 5) Janeiro/2023: a) Ampliação das redes, participações em reuniões, conferências, inserção da atividade de extensão da UFRGS; 6) Agosto-Dezembro/2023: a) Edital Ocupa Mana, b) Edital de Pontos Populares de Alimentação; 7) Todo o ano de 2024: a) Construção da Cozinha com Fossa Ecológica, b) Enchentes Históricas no RS, c) Prêmio Periferia Viva, d) Menção Honrosa no II Prêmio Fórum de Justiça de Direitos Humanos, e) 1º Lugar no Prêmio

² Ministério do Desenvolvimento Social.

Agricultura Urbana e Periurbana/MDS; 8) Junho/2025: Inauguração da Cozinha Solidária do Coletivo Periferia Feminista.

Figura 3. Ações desenvolvidas pelo Coletivo Perifeira Feminista.



Fonte: Elaboração da Autora, 2025.

De acordo com essa linha do tempo, é possível observar a potência construída pelo Coletivo, e que, recentemente, houve o reconhecimento do poder público quanto às ações desenvolvidas. Observa-se que o Coletivo não apenas constrói ferramentas de EA e de SSA, mas também, “se relaciona com outras temáticas transversais como as relações entre os poderes públicos, o modelo econômico vigente, o analfabetismo ecológico, o bem-estar e bem viver” (Souza, 2024, p. 26). Ou seja, o papel desenvolvido pela HC na produção de alimentos, nas ações de geração de renda por meio de Editais, entre outras, são as sementes sendo semeadas. Já os prêmios que os projetos do Coletivo vêm recebendo e de tantas outras ações, são as colheitas dos frutos do empenho no plantio diário de novas formas de se relacionar com o ambiente.

Resultados e Discussões

Para sustentar a valorização do método escolhido, relaciona-se, também, com a importância de dar voz e entender as narrativas das mulheres periféricas, entendendo os processos históricos de silenciamento destas. Neste sentido, resgata-se Federici (2019) com o processo de caça às bruxas antecedendo o processo de colonização e tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. E ao refletir sobre as mulheres periféricas no contexto brasileiro, fica

nítido que a sociedade se constituiu e ainda se estrutura através do machismo e racismo³. Observa-se que não é comum, na contemporaneidade, dar voz, ouvir, estudar e documentar narrativas de mulheres periféricas, que em sua maioria são mulheres negras, e estão em situação de vulnerabilidade (IBGE, 2025). Com isso, a metodologia selecionada coloca no centro as vivências das mulheres, suas palavras, sentimentos e sentidos.

Inicialmente, observa-se que é possível construir uma nova relação com a natureza, com a consolidação do pertencimento (Gorski e Coutinho, 2024), a partir de uma perspectiva decolonial que valoriza as vivências e saberes das mulheres que constroem outras formas de se relacionar com a natureza (Souza, 2024). Estas novas perspectivas se dão no meio urbano, resgatando e ressignificando os pertencimentos ao território, e relacionando com a construção constante do Coletivo, pela SSA no território. Com isso, evidenciamos o caso exposto pela grande ativista do Ecofeminismo⁴, a Vandana Shiva:

Quando o óleo de soja geneticamente modificado começou a ser despejado na Índia e os nossos óleos locais e as unidades de prensagem frio das aldeias se tornaram ilegais, as mulheres das comunidades mais pobres da Índia se mobilizaram para trazer de volta a mostarda. Quando nosso óleo de mostarda foi proibido em 1998, as mulheres das favelas de Délhi me procuraram em busca de ajuda para “trazer a nossa mostarda de volta”. Pedi a elas que me dessem uma semana para entender a situação e percebi que o lobby da soja geneticamente modificada queria conquistar o mercado indiano de óleos comestíveis. [...] Também criamos o movimento Soberania Alimentar nas Mãos das Mulheres, ou Mahalia Anna Swaraj, para defender nossa soberania alimentar (Shiva, 2024, p. 111).

O exemplo da resistência feminina na Índia evidencia as oportunidades e capacidades de ação e organização das mulheres na formação da SSA. Percebe-se que essas mulheres resistem aos ataques contra seus saberes e práticas ancestrais e populares. Neste contexto, quando há o apagamento de uma cultura (tanto no sentido da produção de alimentos quanto nas relações socioculturais) promovido por grandes empresas do meio urbano e rural, e existe uma mobilização contrária, as mulheres resistem frente aos seus territórios e materializa-se uma EAF a partir das suas vivências e saberes. Assim, reitera-se a conexão com a HC do Coletivo Periferia Feminista e demais iniciativas voltadas à proteção de seus territórios, vivências e conhecimentos.

Em contextos de exclusão socioambiental, as práticas de resistência, cuidado e construção da noção de pertencimento com a natureza são cotidianamente desenvolvidas, mas pouco reconhecidas. Neste caso, as mulheres produzem alimentos sem veneno, que são partilhados dentro da comunidade Morro da Cruz - POA/RS. Quando se aproxima o olhar para a vida das mulheres, dentro desta seara, observa-se que as ações cunhadas por elas nos territórios que vivenciam a exclusão socioambiental são potentes e transformadoras (Souza, 2024). De acordo com Bonavitta e Páez (2019, p 1-2) “La educación dominante, a través de diversas estrategias e instituciones, constituye una de las herramientas más poderosas de reproducción de la cultura patriarcal”, observa-se a importância de pensar outras formas de construção de conhecimento (em ambientes formais e informais), construindo uma outra educação, que rompa as barreiras de reprodução das formas de opressão.

Entendendo que, mesmo que a pesquisa ainda esteja em fase inicial, no processo de construção dos aportes teóricos, já é possível analisar que em contextos de marginalização de comunidades, as temáticas socioambientais se tornam emergentes devido a suscetibilidade de serem atingidos e atingidas – principalmente em um contexto de emergências climáticas,

³ Os termos são desenvolvidos na pesquisa de mestrado e não serão aprofundados neste trabalho.

⁴ Este termo é desenvolvido na pesquisa de mestrado e não será aprofundado neste trabalho.

como o ocorrido no Estado do Rio Grande do Sul (RS) em maio de 2024⁵. Com isso, a produção de outras formas de relacionar-se e pertencer a natureza se fazem necessárias, e os esforços dentro da pesquisa é dar voz às mulheres que vivenciam diariamente essas relações, dentro do contexto da HC do Coletivo.

Neste sentido, relacionando com o exposto até o momento, direcionando ao pertencimento a natureza e o lugar em que se vive ela, como também, interligando com o que faz sentido e valoriza a vida e vivências das mulheres, consolida-se a Educação Ambiental Feminista (EAF) que Souza (2024) traz como uma alternativa de construção de novos horizontes possíveis. Entendendo então, as necessidades emergentes da nossa sociedade em relação ao ambiente. Dentro destes movimentos que indicam uma outra forma de pertencer e se relacionar com a natureza, as mulheres do Coletivo Periferia Feminista são promotoras de práticas pedagógicas que articulam resistência, pertencimento, produção de alimentos limpos⁶ e cuidado ambiental em uma região periférica.

Portanto, a pesquisa também se coloca pela urgência em compreender e dar visibilidade a essas ações, contribuindo para a construção de uma EA crítica e emancipadora, e da Soberania Alimentar, que coloque as mulheres como protagonistas dos processos desenvolvidos por elas mesmas e pelas demais ações que estão à frente, como visto pela EAF. Com isso, valorizar suas narrativas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa se faz necessário para seguir pensando, documentando e reproduzindo os casos exitosos de outras formas de se relacionar com o meio em que se vive.

Considerações Finais

Neste momento inicial da pesquisa evidencia-se a importância de reconhecer as práticas que as mulheres do Coletivo desenvolvem, colocando-as como protagonistas das construção de atividades educativas que articulam pertencimento, resistência, SSA e cuidado ambiental no seu território - um espaço marcado pela exclusão socioambiental. Caminhando no sentido contrário do processo histórico que diminui e silencia as vozes de mulheres que estão às margens, busca-se entender as suas noções de pertencimento e ecodependência presentes em suas vivências.

As narrativas autobiográficas, neste contexto, se colocam como um instrumento potente para compreender as múltiplas faces da Educação Ambiental vivenciada por estas mulheres, revelando e valorizando suas vivências, cuidados, trocas e resistências a partir dos seus territórios. Contribuindo para a transformação social a partir dos territórios e das vozes historicamente silenciadas que, ao valorizar essas vivências, colabora para transformações reais a partir dos territórios e das vozes historicamente silenciadas e excluídas.

Entre essas vivências e visões potentes das práticas do Coletivo, é que a Agricultura Urbana e a EA se consolidam como Feministas. A partir dos dados construídos, pretende-se elaborar um material pedagógico que registre e dissemine as ações exitosas. Essa produção visa fortalecer as práticas de Educação Ambiental Feminista baseadas nas narrativas e vivências das mulheres que constroem uma Agricultura Urbana periférica, contribuindo para a valorização do conhecimento popular e para identificação da importância das iniciativas autônomas, nos processos educativos e de resistência em territórios periféricos, frente a crise ambiental.

⁵ Foi implementado pelo Governo estadual o “SOS Rio Grande do Sul”, como fonte de informação sobre as enchentes e demais serviços ofertados pelo Governo Federal e Estadual durante os eventos climáticos extremos. Disponível em: <https://sosenchentes.rs.gov.br/inicial>. Acesso em: 31 mar. 2025.

⁶ Refere-se como alimentos “limpos”, os alimentos que não recebem venenos (como pesticidas, por exemplo) em sua produção e cultivo.

Pretende-se, com este trabalho, compartilhar e reafirmar a potência do Coletivo e das práticas de Agricultura Urbana e Educação Ambiental Feminista. Ao valorizar as narrativas de vida, experiências, os saberes populares e ancestrais, reafirma-se que é partindo das periferias que novas perspectivas e formas de produzir conhecimento e alimento podem surgir. Com isso, este trabalho reforça o compromisso com a produção de conhecimentos comprometidos que dialoguem com a valorização dos corpos e vidas periféricas, que inspiram a produção de outras experiências que promovam a autonomia e fortalecimento dos territórios periféricos e das mulheres que neles vivem.

Referências

- BRANDÃO, Thaís Oliveira; GERMANDO, Idilva Maria Pires. Experiência, memória e sofrimento em narrativas autobiográficas de mulheres. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, p. 5-15, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000100002>. Acesso em: 05 ago. 2025.
- BONAVITTA, P.; PAEZ, F. M. Pensar las prácticas educativas desde una perspectiva feminista. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, Canoas, v. 8, n. 1, 2019. DOI: 10.35819/tear.v8.n1.a3403. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/3403>>. Acesso em: 02 abr. 2025.
- COLETIVO PERIFERIA FEMINISTA. Linha do Tempo, 2025. Disponível em: <<https://periferiafeminista.com.br/>>. Acesso em: 23 out. 2025.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica: tradução Anne-Marie Milon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 7, n. 15, p. 523-536, 2012.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**: tradução Joice Elias Costa. - 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.
- GONÇALVES, Isabela Vieira. Hortas comunitárias urbanas no município de Florianópolis: políticas públicas de segurança e soberania alimentar. Orientadora: Silvia Aparecida de Sousa Fernandes. 2024. 114 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, São Paulo, 2024.
- GORSKI, Stefania da Silva; Coutinho, Cadidja. Observação, Expressão e Vivência Na/Com a Natureza: uma história para adiar o fim do mundo. **Criar Educação**, Criciúma, v. 13, nº3, 2024.– PPGE – UNESC – ISSN 2317-2452. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/criaredu/article/view/8452/7183>. Acesso em: 31 mar 2025.
- IBGE. Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza. *Agência de Notícias IBGE*, 06 fev. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza>. Acesso em: 17 out. 2025.
- PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; DE OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.
- SOUZA, Jheiny Carolina Amarante de. Educação com Rosto de Mulher: As Práticas Feministas e de Educação Ambiental da Marcha Mundial das Mulheres. 2024. 57 p. Trabalho de Graduação (Geografia Licenciatura) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2024.
- SHIVA, Vandana. **Terra viva**: minha vida em uma biodiversidade de movimentos. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2024. ISBN 978-65-5717-339-8.

Contribuição dos autores

Conceitualização: SOUZA, J. C. A.; RODRIGUES, A. L. Curadoria de dados: Não aplicável. Análise formal: SOUZA, J. C. A.; RODRIGUES, A. L. Aquisição de financiamento: Não aplicável. Investigação: SOUZA, J. C. A.; RODRIGUES, A. L. Metodologia: SOUZA, J. C. A.; RODRIGUES, A. L. Administração do projeto: Não aplicável. Recursos: Não aplicável. Software: Não aplicável. Supervisão: Não aplicável. Validação: SOUZA, J. C. A.; RODRIGUES, A. L.

Visualização: SOUZA, J. C. A.; RODRIGUES, A. L. **Escrita – rascunho original:** SOUZA, J. C. A.; RODRIGUES, A. L. **Escrita – revisão & edição:** SOUZA, J. C. A.; RODRIGUES, A. L.

Base de dados

Não se aplica

Financiamento

Pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Maria, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior - CAPES.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

Aprovação do conselho de ética

Não se aplica.

Agradecimentos

Não se aplica.
